

Libertação

Jornal Temático da Comunhão Espírita de Brasília
Ano 19, nº 8, novembro de 2014

Os 150 anos do Evangelho Segundo o Espiritismo

Obra foi a terceira do Pentateuco

página 2

Primeira edição chamava-se
"À Imitação do Evangelho"

página 2

Gratidão de quem traduz as obras de Kardec

página 3

Diferenças entre Espiritismo e Cristianismo na
palavra de teólogos

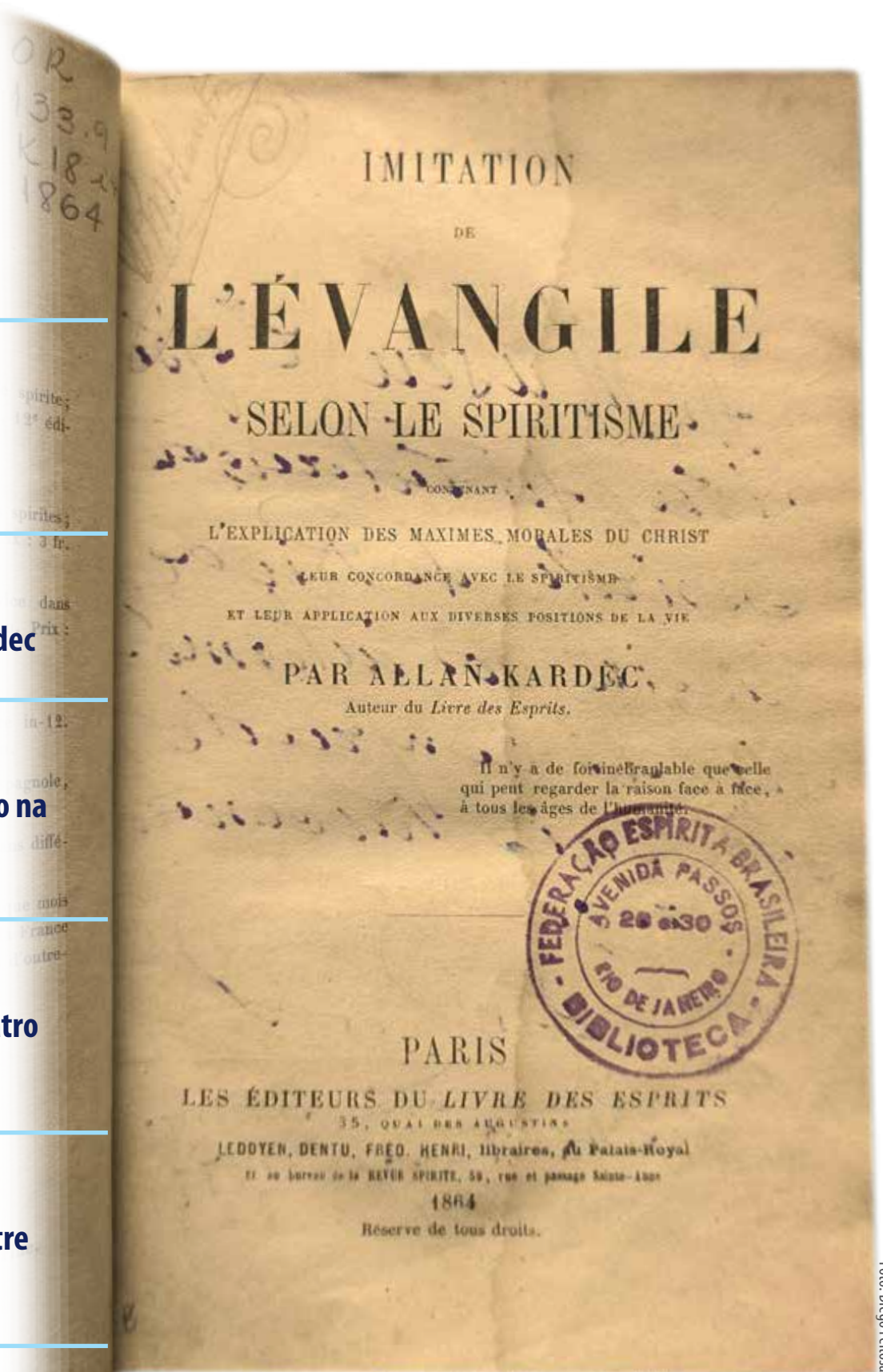
página 4/5

Especialista discute sobre autoria dos quatro
textos do Novo Testamento

página 6

Fórum explora perguntas e respostas entre
professores e alunos do Esme

página 7



O Evangelho é um bálsamo para as nossas almas

Em 15 de abril de 1864, a humanidade recebeu o terceiro livro que compõe a codificação espírita: o Evangelho Segundo o Espiritismo. Um trabalho habilmente realizado por Allan Kardec na análise dos ensinamentos morais do Cristo. Elaborado em 28 capítulos, contém os esclarecimentos de diversos espíritos a respeito dos ensinamentos de Jesus à Luz do Espiritismo.

Passados 150 anos desse marco literário, doutrinário, moral e cristão estamos aqui a reconhecer a importância desse texto. O Evangelho é um bálsamo que supre nossas carências da alma e nos instiga a uma condução mais consciente e espiritualizada em sociedade.

O Espiritismo no Brasil tem tido forte vocação religiosa, que se ampara em grande medida nas lições dessa obra singular. Longe de ser uma "Bíblia Espírita", o Evangelho, a bem da verdade, reforça o valor das escrituras ao esmiuçar algumas de suas passagens mais relevantes cuidadosamente escolhidas pela espiritualidade com o concurso de Allan Kardec.

Interessante é verificar que, após um século e meio, a Doutrina dos Espíritos vem dando passos robustos no Brasil e em outros países. Leva

esclarecimento, incentiva a reforma íntima e propicia um encontro cristalino com as noções do Cristianismo primitivo e nos clama a pautar pelas lições e os exemplos de Jesus Cristo.

Por assim dizer, nada mais meritório e oportuno do que a iniciativa da nossa Assessoria de Comunicação Social em dedicar uma das edições do Jornal Liberdade a esse tema, ou seja, os 150 anos do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Desejamos aos leitores que façam bom proveito. Ansiamos que os conteúdos agradem e surtam o efeito esperado: a reflexão. Que o Evangelho prossiga sendo esse nobre condutor de nossas mentes, nossas emoções e nossa espiritualidade onde quer que ele possa alcançar e influenciar, seja por meio de uma edição impressa, são tantas, ou pelas versões digitais que têm ajudado a ampliar essa audiência e repercussão iluminadas.

Por Adilson Mariz de Moraes
Presidente da Comunhão Espírita de Brasília

Aniversário especial

O Evangelho Segundo o Espiritismo está a completar um século e meio de existência. Sua primeira edição veio a lume em 1864, com o nome de "À Imitação do Evangelho". Havia um pequeno livro da Igreja, bom, ameno e espiritualizante, traduzido por Jean Charlier de Gerson (1363-1429), denominado "À Imitação de Cristo". Conheci, em minha infância e juventude, esse livro que talvez tenha influenciado Kardec a dar esse título à primeira edição do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Segundo alguns autores, Kardec estava a codificar a Doutrina para explicar a ciência e a filosofia espírita, o que era comum na época em que os ensinamentos do Positivismo em voga estavam a afastar todos da Igreja.

Uns amigos pretenderam escrever livros explicativos de todos os versículos, mas havia muita discordância sobre o assunto, porque, na verdade, tudo o que fizeram a Jesus e o que estava escrito nos Evangelhos pode ter compreensões díspares.

Depois de bem compreendida a parte de O Livro dos Espíritos, principalmente quanto às Leis Morais e mensagens de Santo Agostinho, Fénelon, São Luiz e outros no referido trecho de O Livro dos Espíritos, ficou claro que o Espiritismo não deveria se constituir só de ciência e filosofia. E assim lhe foi revelado pelo Espírito da Verdade que deveria ser feito algo a respeito. Mas o Codificador ainda pensou que seria uma forma de atrair o povo à religião. Auxiliado por seu editor Didier e com a colaboração de Camille Flammarion e outros amigos, escreveu parte do que hoje conhecemos como o Evangelho Segundo o Espiritismo, mais tarde enriquecido

por explicações mais esclarecedoras do verdadeiro sentido das palavras do Divino Mestre.

O livro não explica "todos os versículos" dos Evangelhos, mas sim, os que suscitam dúvidas. Esclarece o verdadeiro sentido dos ensinamentos de Jesus segundo Sua promessa de que mandaria o Consolador, o Espírito da Verdade que ficaria conosco para sempre e, à proporção que estivermos em condições de entender, Ele nos revelará. Assim sendo, entre nós espíritas ainda existem alguns que não conseguem compreender certas palavras do Mestre, mesmo porque, para haver compreensão plena, temos que nos colocar na época d'Ele e em diversas outras ocasiões.

A humanidade é constituída de um número de faixas evolutivas. Daí a diversidade de religiões e mesmo entre nós espíritas essas faixas separam algumas compreensões. Cada um tem uma frequência na qual se harmoniza em conhecimento e compreensão com os do mesmo grau evolutivo.

Mas, como O Evangelho Segundo o Espiritismo é de fácil compreensão todos nós nos harmonizamos com seus ensinamentos básicos. O fato é que o Livro tem trazido muito consolo e compreensão, para todos que se abeiram de suas letras. Louvado seja o Espírito que orientou o Codificador na elaboração do livro. Com ele completa o bloco da Doutrina Espírita que é filosófico, cientista, religioso.

Por Julio Capilé
Médico e membro-fundador da Comunhão

Expediente

Presidente da Comunhão Espírita de Brasília

Adilson Mariz de Moraes

Vice-Presidente da Comunhão Espírita de Brasília

Malu Bezerra

Jornalistas responsáveis

Sionei Ricardo Leão Mtb 95/MS e Diva Ferreira MTB 1317/MS 86

Reportagem

Diva Ferreira, Janaína Araújo, Marta Moraes, Marco Linhares, Valéria Castanho

O Jornal Liberdade é uma publicação da Comunhão Espírita de Brasília

Endereço: Avenida L2 Sul, Quadra 604, Lote 27. CEP: 70.200-640

Recepção Integrada: 61 3225-2083 Geral: 61 3225-2563 | Livraria: 61 3225-2505 FAX: 61 3225-2083

Revisão

Jorge Stark

Projeto gráfico e diagramação

Rodrigo Braga

Reportagem Fotográfica

Sandra Fado

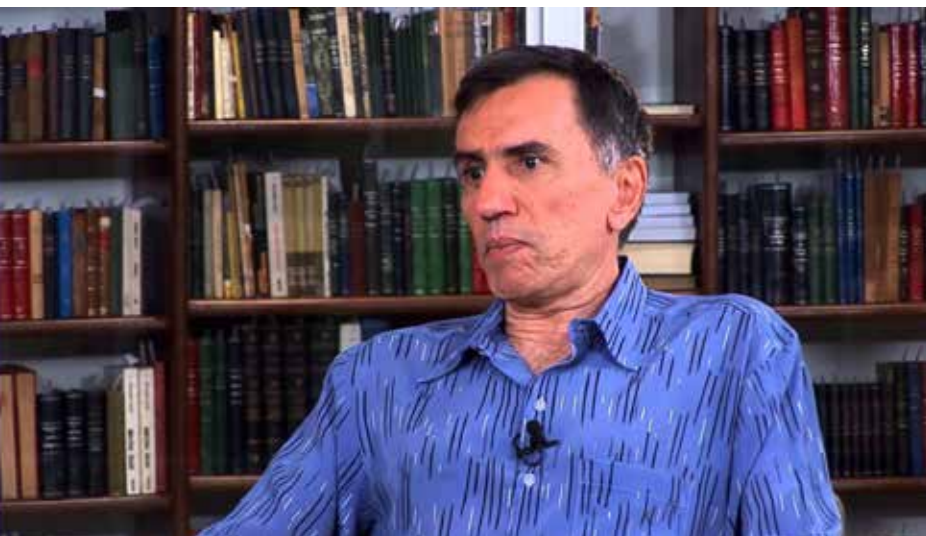
Textos

Adilson Mariz de Moraes, Diva Ferreira; Janaína Araújo; Júlio Capilé; Marta Moraes; Marco Linhares; Sionei Ricardo Leão e Valéria Castanho



A maior lição do Evangelho é o convite à fraternidade

Tradutor do Evangelho Segundo o Espiritismo sente-se gratificado por contribuir com a difusão da obra



Para Evandro, traduzir é uma das tarefas mais agradáveis

Evandro Noletto Bezerra, 64 anos, é médico psiquiatra e espírita desde a juventude. Atuante no Movimento Espírita desde 1987, já pertenceu à diretoria da Federação Espírita Brasileira (FEB), onde ocupou os cargos de diretor e secretário-geral. Atualmente é um dos redatores da revista "Reformador" e membro efetivo do Conselho Superior da Casa de Ismael. Em 2013 traduziu o livro "Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo", obra histórica bilíngue português-francês.

Como o senhor se sente ao traduzir obras básicas do Espiritismo de Allan Kardec?

Plenamente gratificado, sobretudo por estar contribuindo para a difusão do Espiritismo e também pela chance, sempre renovada, de estudar as obras doutrinárias que chegaram até nós no século 19 pelas mãos abençoadas de Allan Kardec. Para mim esse trabalho, antes de representar uma obrigação, constituiu-se numa das tarefas mais agradáveis e proveitosas de quantas tenho abraçado na presente existência.

Como o senhor recebeu o convite para a recente tradução do Evangelho segundo o Espiritismo?

Como mais uma oportunidade para difundir a Doutrina Espírita e, ao mesmo tempo, apresentar o texto original francês do Evangelho tal como foi publicado em 1864, em Paris, por Allan Kardec, sua formatação, sua diagramação, permitindo aos leitores compará-lo passo a passo com a nossa tradução portuguesa, visto que ambos os textos estão contemplados na nova edição da FEB.

Qual é a maior lição do Evangelho, aquela que deveria nortear a vida das pessoas e a caminhada espiritual de todos?

A maior lição do Evangelho é o convite à fraternidade que deve reinar entre todos os filhos de Deus, independentemente de cor, raça, credo ou posição social. Allan Kardec sintetizou bem tudo isso na frase que é um dos lemas do Espiritismo: "Fora da caridade não há salvação". Caridade no seu sentido mais amplo, transubstanciada no amor que deve unir todas as criaturas em benefício do progresso da humanidade inteira.

Quando começou a traduzir obras de Allan Kardec?

Comecei a traduzir as obras de Allan Kardec em 2001, principiando pelos doze números da "Revista Espírita", passando em seguida às obras básicas para depois me ocupar das obras subsidiárias ou complementares, totalizando vinte e cinco volumes, ou cerca de doze mil páginas. As traduções foram realizadas no período de 2001 a 2013, a última delas publicada em abril deste ano sob o título "Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo", obra histórica bilíngue português-francês.

Como foi a rotina deste trabalho específico, tão importante para a divulgação do Espiritismo?

Traduzia nas horas vagas, conciliando o trabalho e as obrigações domésticas com o serviço de tradução. Não é uma tarefa fácil e temos que estar vigilantes para que a interferência do mundo espiritual inferior seja a menor possível, de modo a não prejudicar nossos esforços de oferecer aos leitores mais uma opção de estudo e prática da Doutrina Espírita, em linguagem simples e despretensiosa, ao alcance de todas as inteligências, sem, contudo, nos afastarmos das boas regras que norteiam a nossa língua.

Qual o diferencial desta nova tradução?

Traduzir para o português contemporâneo, em linguagem clara e objetiva, de modo a facilitar o entendimento dos leitores, deixando de lado as palavras e expressões rebuscadas, que poderiam ter sido elegantes num dado tempo, mas que hoje destoam do português falado no Brasil. Porém, tudo isso em estrita observância ao texto francês original, isto é, mantendo absoluta fidelidade à letra e ao espírito da obra de Allan Kardec.

Por Marta Moraes

Novo Testamento a partir do grego

Haroldo Dutra é o primeiro brasileiro a traduzir o Novo Testamento diretamente do grego, edição que conta com notas de rodapé explicativas para a compreensão de determinadas palavras e conceitos.

A proposta é inédita por se referir aos manuscritos gregos originais e arrojada por ter foco na linguagem, mas sem menosprezar as questões culturais, históricas e teológicas.

Pensado e integralmente executado em língua portuguesa, a intenção, segundo Haroldo Dutra, é transportar o leitor ao cenário no

qual Jesus viveu, agiu e ensinou, a fim de que escute suas palavras e seus ensinamentos como se fosse um morador daquela região.

Haroldo Dutra cedeu os direitos autorais da tradução à editora da Federação Espírita Brasileira, acordo foi celebrado no início do ano na sede da entidade em Brasília.

Por Sionei Ricardo Leão

Filosofias, religiões e a reencarnação

Palestrante, professor e estudioso, Sérgio Castro traz sua visão sobre as mudanças nos evangelhos e ressalta a reencarnação

De acordo com os primeiros livros (sinóticos) do Novo Testamento, há muitos depoimentos que mostram a reencarnação. Ainda assim, muitas religiões e doutrinas não a aceitam.

Foto: Sandra Fado

Até meados do século VI o Cristianismo aceitava a reencarnação que a cultura religiosa oriental já proclamava milênios antes da era cristã como fato incontestável, norteador dos princípios da justiça divina. Ocorre que o 2º Concílio de Constantinopla (Istambul, Turquia), em 553 D.C., em decisão política para atender exigências do imperador Justiniano, resolveu condenar as doutrinas de Orígenes, especialmente a da preexistência da alma ao corpo, substituindo-a pelas doutrinas da unicidade das existências e da ressurreição.

Porém, até hoje não há um único documento oficial da Igreja que condene expressamente a reencarnação. Este é um fato histórico. Só há a condenação oficial à doutrina de Orígenes da preexistência da alma ao corpo.

“Nos evangelhos sinóticos, assim considerados porque possuem tantas semelhanças que podem ser “vistos” (sin) sob um mesmo olhar (ótica), há referências diretas e indiretas quanto à reencarnação”.

De início, ao anunciar o futuro nascimento de João Batista, o anjo Gabriel afirma que “ele irá à frente do Senhor com o espírito e o poder de Elias” (Lucas 1:17); isto é, o espírito que nascerá como João Batista será a reencarnação do grande profeta Elias. Isso afirmado por um mensageiro de Deus.

Em boa parte do livro de Mateus, Jesus fala a respeito de João Batista. Um exemplo está no capítulo 11, onde o Mestre afirma que “dentre os nascidos de mulher não há outro maior que João Batista”; isto é, entre os que reencarnam, João Batista é o mais evoluído. E acrescenta: “se quiseres compreender, ele mesmo é o Elias que havia de vir. Ouça quem tem ouvidos para ouvir”. Ou seja, o espírito do profeta Elias voltara a viver na Terra mais uma vez, agora na personalidade de João Batista, cumprindo, por sua vez aquela profecia de Malaquias no seu livro (Cap. 3, versículos 23 e 24).

Ainda em Mateus, há um trecho que reforça essas afirmações, após descerem o Monte Tabor na transfiguração de Jesus, quando os apóstolos perguntaram “por que dizem os escribas que Elias deve voltar antes do messias”? Jesus, respondeu-lhes: “Elias, de fato deve voltar, e estabelecer todas as coisas. Mas eu vos declaro que Elias já veio, mas eles não o reconheceram...” “os discípulos compreenderam, então, que Jesus lhes falava de João Batista”.

Em outra passagem do mesmo livro, Sérgio mostra um fato interessante quando Jesus pergunta aos seus discípulos: “no dizer do povo, quem é o filho do Homem (Messias)? Responderam: uns dizem que és João Batista; outros, que és Elias; outros ainda, que és Jeremias, ou um dos profetas que voltou!” Ora, comenta Sérgio, se o povo pensava



O teólogo Jefferson Bellomo (direita) e Sérgio Castro: “Não há um único documento oficial da Igreja que condene a reencarnação”.

que Jesus fosse um dos antigos profetas, que viveram séculos antes de Jesus, e que agora voltara, Jesus só poderia ser um deles reencarnado e nunca ressuscitado. Então, até o povo conhecia a possibilidade da reencarnação.

Todas essas referências são classificadas, por Castro, como diretas. Entre as referências indiretas, cita o sermão da montanha, quando Jesus estabelece uma comparação entre a lei antiga dos judeus e a sua nova proposta de lei, fala do perigo de pessoas morrerem sem a necessária reconciliação com seus desafetos, porque isso acarretaria remorsos e sofrimentos no mundo espiritual: “reconcilia-te o mais rapidamente possível com os teus adversários, enquanto estais a caminho com eles (enquanto encarnados); para que não suceda (futuro) que eles te denunciem ao juiz, o juiz vos entregue ao ministro de Justiça e sejais colocado em prisão (ligação psíquica com os espíritos vingativos); em verdade vos digo: de lá (da prisão) não saireis enquanto não houver sido pago o último centavo da dívida” (Mateus, 5:25-26).

Sérgio compreende “que as escrituras têm muitas interpretações admitidas, racionais, lógicas e de bom senso, mas cada ser em evolução consegue entender segundo seu nível de compreensão. Dessa forma, o entendimento espírita tende a ser o mais aceito naturalmente, pois é apresentado e oferecido em uma casa espírita, como a Comunhão”, arremata.

Por Valéria Castanho

Diferença entre o Cristo histórico e o Cristo religioso

Jefferson Bellomo relaciona histórias diferentes e divergentes sobre Jesus Cristo a possíveis interesses políticos cristãos e judeus

De forma didática, o entrevistado Jefferson Bellomo expõe: primeiro, temos que entender que o termo “Cristo” é grego (“christós”) cujas origens se encontram no Hebraico (“mashiach”) e Aramaico (“mashiha”), que significa ungido, consagrado”.

Inicialmente, para os hebreus, o termo era utilizado para os reis, que eram consagrados com óleo sobre as suas cabeças, significando a investidura divina de seu cargo. Quando os evangelhos tratam Jesus como “Cristo”, eles estão dizendo que Jesus é um homem que foi consagrado por Deus para uma missão muito especial em seu nome. Somente com a conversão dos povos de cultura helênica (gregos e romanos) é que Cristo passou a ser entendido como a própria natureza divina de Jesus.

Jefferson destaca que o “Jesus histórico” é o nome dado aos estudos sobre o galileu Jesus, que nasceu em um povoado minúsculo chamado Nazaré e viveu em um país ocupado pelo Império Romano. Já o “Jesus Cristo” é uma figura de caráter religioso, sobre-humano, construída por diversos séculos de teologia cristã, que pouco tem a ver com o homem que viveu em Nazaré e morreu na cruz do Gólgota. Estudar Jesus em seu tempo e local nos ajuda a perceber que ele está muito mais perto de nós do que imaginamos.

Humanidade

“O Espiritismo trouxe uma profunda reflexão sobre a natureza humana e o seu destino, com evidências concretas (senão provas) de que nós somos seres imortais, individualidades independentes da vida nos nossos corpos físicos. Mas, no dizer de Léon Denis no livro “No Invisível”, “O Espiritismo será o que o fizerem os homens.” O teólogo informa que mundo tem algo em torno de sete bilhões de pessoas e o Brasil, onde existe o maior número de adeptos do Espiritismo, possui somente 3 milhões de confrades. “Somos poucos e temos uma gigantesca tarefa de divulgação dessa doutrina consoladora, para que todos saibam das esperanças que nos vivificam. A nossa tarefa de mudar a humanidade ainda está em processamento e depende de nós levarmos esta missão a bom termo”, convoca Jefferson.

Histórias e “estórias”

Será que tantas histórias (ou estórias) diferentes e divergentes sobre Jesus Cristo não estariam ligadas aos interesses políticos, por acaso, entre cristãos e judeus?

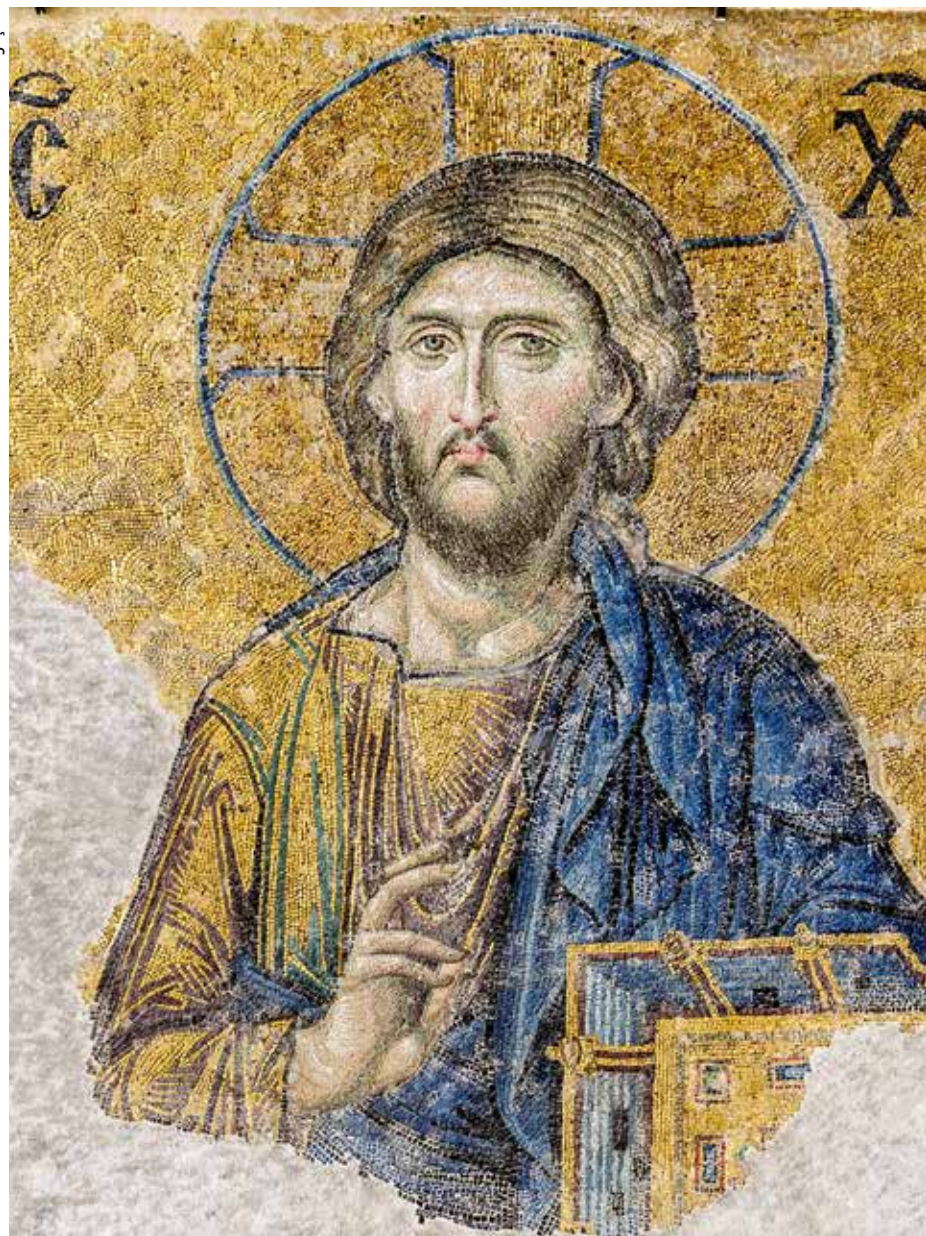
Para o teólogo devemos pensar que todos os movimentos humanos não costumam ser unificados, mas plurais. Ele acrescenta que na época de Jesus existiam vários judaísmos, e depois dele, vários cristianismos. As visões representadas nos evangelhos, sejam canônicas, sejam gnósticas, espelham essa diversidade. “Pensemos nos dias de hoje: temos os mesmos 27 livros no Novo Testamento, mas quantas igrejas esses mesmos livros produziram? Quantos “Cristos” essas igrejas acreditam e pregam? Daí a importância do diálogo e do respeito, pois são muitas formas diferentes de ler os mesmos livros e de acreditar, em tese, no mesmo Deus”.

Outra questão, mais discutida, reporta-se a algumas filosofias mais antigas que têm Jesus apenas como um enviado daquela época, uma espécie de Avatar, um profeta. Por que tais crenças não têm o mestre como o salvador atual? A resposta, de acordo com o entrevistado está ligada à cultura.

“Para nós é difícil entender que a maioria da população do planeta não é cristã e muitos milhares, mesmo nos dias de hoje, nunca ouviram falar em Jesus. Quando isso ocorre o reinterpretem de acordo com a sua cultura, da mesma forma que nós reinterpretemos os seus profetas e iluminados de acordo com a nossa. Para eles não faz sentido Deus amaldiçoar a humanidade (todas as gerações) e condená-la ao fogo eterno e somente ter a sua ira aplacada com o sacrifício de Seu filho na pior morte que uma pessoa poderia ter a cruz. Por isso, para eles, não faz o mínimo sentido falar em Jesus como salvador. Do ponto de vista espírita, a lógica não é diferente. Deus é amor, então não puniria o pecado dos pais nos filhos e nem exigiria a condenação de um inocente para absolver os culpados. Jesus nos salva não porque estejamos condenados, mas porque estamos perdidos. Ele mostra o caminho, a verdade e a vida, mas cabe a nós aceitar segui-lo”, conclui.

Por Diva Ferreira

Foto: Divulgação



Os evangelhos canônicos são compilações tardias

O Evangelho de Marcos pode ter sido o primeiro a ser compilado, explica Douglas Frazão



Foto: Sandra Fado

Douglas Frazão apresenta o Evangelho de Marcos com um dos mais antigos.

Douglas Frazão ministra o Curso de Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (Esade) sobre “Cristianismo e Espiritismo”, que tem duração de um ano. O público é formado por dirigentes e palestrantes espíritas, alunos que já concluíram o Estudo Sistematizado da Mediunidade 2, na Comunhão ou fora dela.

Como surgiram os evangelhos canônicos?

Os Evangelhos são compilações tardias dos ensinamentos atribuídos a Jesus, décadas após a crucificação e reaparição do Mestre da Galileia. Muito provavelmente as primeiras compilações são de ditos soltos, sem umnexo de fundo que os conectasse.

Com o passar do tempo foram agregados aos ditos certas histórias compiladas até que se tivessem as primeiras versões do que seriam os quatro evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João no Novo Testamento.

Isso ocorreu não por uma falta de zelo por parte dos discípulos, mas devido a uma expectativa generalizada entre os grupos cristãos do primeiro século da Era Comum: Jesus iria retornar a qualquer momento, breve, muito breve. Só quando a volta de Jesus começou a tardar a acontecer e os discípulos imediatos começaram a falecer por perseguições ou mortes naturais, começou-se a se preocupar com a necessidade de assentar por escrito o que se recordava dos ensinamentos do Mestre.

De uma perspectiva histórica, o Evangelho segundo Marcos é considerado pela quase totalidade dos historiadores como o mais antigo, tendo sido compilado aproximadamente entre 60 e 70 da Era Comum.

Seguem-se a ele os evangelhos segundo Mateus e Lucas, que se utilizam de trechos de Marcos e de trechos de uma outra compilação. A essa fonte dá-se o nome de “Quelle”, palavra alemã que significa fonte. Eles possuem também trechos que só aparecem neles e não em outros. Sua compilação é de cerca de 70 a 80 na Era Comum (E.C); uma denominação histórica acadêmica que

significa o mesmo que D. C. (Depois de Cristo), forma utilizada pela cultura cristã.

Bem tardiamente tem-se o Evangelho Segundo João, como o último dos quatro a ser compilado, provavelmente depois do ano 100 E.C.

Importante frisar que historicamente não há como comprovar que os escritores destes quatro Evangelhos canônicos tenham sido aqueles a quem se deu os nomes a cada livro do conjunto. Por isso a denominação “Evangelho segundo” é necessária, como um modo de indicar uma tradição à qual aquele Evangelho estaria ligado.

Efetivamente, os nomes só foram atribuídos no segundo século da Era Comum.

Como foi feita a escolha para que a Bíblia contivesse os atuais quatro textos?

Apesar do absurdo que a declaração a seguir possa parecer, os quatro evangelhos hoje chamados de canônicos são os “menos problemáticos” da lista de dezenas de outros que circulavam no final do primeiro século e por todo o segundo século. Quem disso duvidar pode examinar as coleções de evangelhos apócrifos hoje largamente traduzidas.

Foram feitas tentativas, sobretudo no segundo século, de compor um conjunto harmonioso que refletisse da melhor forma possível a mensagem da Igreja cristã nascente. À medida que grupos rivais iam se formando, cânones ou listas segundo a regra de crenças diferentes foram surgindo.

O conjunto de quatro evangelhos começa a ser mencionado já no século II da Era Comum, e, após muita controvérsia, estabeleceu-se um grupo de critérios para se determinar quais eram bons e quais não eram. São eles:

1. O Evangelho foi escrito por um apóstolo, ou baseado nas memórias de um apóstolo ou mais apóstolos anotadas por algum discípulo fiel? É o critério da Apostolicidade;
2. O Evangelho reflete a doutrina correta, em grego ortodoxo, ensinada pelas principais Igrejas cristãs espalhadas? É o critério da Ortodoxia;
3. Os relatos e discursos de um Evangelho em análise eram de fato antigos? Poderia a tradição remontá-los até a época de Jesus? É o critério da Antiguidade;
4. O Evangelho em questão é de uso comum nas diversas comunidades cristãs? Quanto mais comum, mais provável de ser correto. É o critério da Universalidade do uso ou Catolicidade.

Foi seguindo esses critérios que o bispo Atanásio da cidade de Alexandria, uma das mais importantes comunidades cristãs dos primeiros séculos, fixou o cânon, a regra de livros autorizados a entrar na composição do Novo Testamento, os quatro evangelhos canônicos entre eles, no ano de 367 da Era Comum.

Por Marco Linhares

Faces de Jesus em seu Evangelho e a visão espírita

Palestrantes exploram aspectos filosóficos e históricos de Jesus em seminário sobre os 150 anos do Evangelho Segundo o Espiritismo

Foto: Divulgação

Alunos e dirigentes da Fase 1 do Estudo Sistematizado da Mediunidade (Esme) organizaram um seminário para celebrar os 150 anos do Evangelho Segundo o Espiritismo (ESE), em 20 de junho, no auditório Bezerra de Menezes. Exposições curtas dos palestrantes espíritas Sérgio Castro, Edmar Jorge e Mayse Braga exploraram os aspectos filosófico e histórico de Jesus, além de ressaltar a importância de viver o Evangelho diariamente.

O evento começou após meia hora de suave harmonização musical conduzida por Luiz Gonzaga. Em seguida o aluno Rafael Aquino fez a prece inicial e o público ouviu o depoimento da aluna Ana Paula Soares de Araújo e a leitura do item 18 “Bem e mal sofrer” do capítulo V do ESE “Bem-aventurados os aflitos”. Os alunos lembraram que o Evangelho nos conduz à vivência que nos fortalece.

Edmar Jorge alertou que o intelecto, por si só, não pode compreender o Evangelho, sendo este e o próprio Deus uma verticalidade mística. “Fenômenos podem ser explicados, mas o Evangelho precisa de um ambiente propício em nós para ser compreendido”, disse o palestrante, que abordou o tema “Jesus filosófico”.

A atividade individual de experiência de comunicação com o Alto é vista por Edmar Jorge como essencial. Segundo ele, fé é verbo, ação e conduta, tornando-se a comunhão com Deus impossível se o amor, o cuidado e o serviço ao próximo não existirem.



O palestrante assinalou que o amor incondicional de Jesus nos dá o tom do mundo de regeneração que estamos prestes a viver. “É preciso crer e viver o Evangelho para servir e alegrar-se com isso”, aconselhou Edmar ao concluir sua fala.

Vivência

Em uma mensagem aos alunos, a palestrante espírita Mayse Braga fez relatos que destacaram o compromisso de Francisco de Assis com o Evangelho e como Chico Xavier o considerava novidade permanente no mundo espiritual. Outro exemplo foi o de Madre Teresa, que via o outro como meta, dedicando-se a ele.

Irmã Dulce, outra figura importante no seguimento do Evangelho, também foi citada por Mayse como alguém que vivia e compreendia os ensinamentos de Jesus. “A oportunidade para se educar precisa ser aproveitada. Imploramos para ser educados através das lutas e sonhos vencidos, realizados ou não desta vida”, disse o palestrante sobre nossa encarnação atual.

Mayse lembrou que hoje verifica-se o maior número de refugiados no planeta desde a 2ª Guerra Mundial – 50 milhões – e relacionou o fato com a realidade vivida por Jesus, pois também “não tinha um lugar para pousar a cabeça”. Ela observou que “viver o Evangelho é fazer algo para minimizar essa dor do outro”.

Em uma de suas histórias, mencionou uma tarefa caridosa da vida de Chico Xavier que lhe rendeu o alívio de uma grande dor física anos depois, devido a intervenção de um espírito ajudado por ele. “A semente de amor que se planta, um dia floresce e nos presenteia com o amor de Cristo que tanto precisamos”, ressaltou.

Para Mayse, o importante é vencer a nós mesmos, iluminando o mundo também por nosso meio. Ela lembrou o ano de 1864, época do lançamento do Evangelho “quando ainda estávamos longe da compreensão de amar e de servir. Mas, essa realidade já foi alterada. O Espiritismo ilumina a lei da morte e é uma escola, cujo mestre amado é Jesus”, finalizou.

Por Janaína Araújo



Foto: Divulgação

Aniversário do livro mais querido

O projeto Fóruns da DED dedicou, em abril deste ano, uma das edições do evento ao tema 150 anos do Evangelho Segundo o Espiritismo, atividade que contou com presença de grande público no salão Bezerra de Menezes.

Douglas Frazão, mediador da palestra, iniciou os trabalhos com leitura do texto "Ler Mais" de Carlos Pastorino. Após comentários, esclareceu que o tema da noite aconteceu na semana em que o "livro mais querido da doutrina fez aniversário".

Os trabalhos aconteceram recheados de bom humor por parte de Alaciel Franklin de Almeida, que utilizou abordagem clara e alegre, o que emprestou descontração ao ambiente.

Sobre a justiça das aflições, Alaciel acrescentou que em todo sofrimento existe uma causa e é comum encontrar pessoas reclamando da dor. A estes, o palestrante sugeriu que "deveriam escrever cinquenta vezes que falta de fé é reclamar" e acrescentou que "as consequências dos erros geram processo de resgate à luz da justiça divina." Isto causa retornos às fases de expiação, arrependimento e reparação. Somente após cumprido novo ciclo, haverá condições de alcançar a misericórdia divina. "Violar a lei de Deus perturba o universo", conclui.

Foto: Sandra Fado



"A postura de Allan Kardec é reforçar a moral cristã, em vez de propor nova moral"

"O Evangelho é o segundo livro mais lido no Brasil, só perdendo para a Bíblia, e de suma importância para orientar nossa evolução como espíritos humanos."

Sobre a fé inabalável, Alaciel esclareceu que só a tem quem encara frente a frente à razão, em todas as épocas da humanidade.

Plena de citações, ancoradas no profundo conhecimento dos ensinamentos da Doutrina, Alaciel concluiu a apresentação com duas frases de destaque: "nosso desejo de ajudar o próximo deve ser incontrolável" e "o amor propagado gera ajuda pura e saúde ao redor".

Terminados os trabalhos, Franklin se colocou à disposição do público, quando foi surpreendido por grande número de perguntas.

Por Marco Linhares

QR code



Leia mais no blog

O Mensageiro

<http://mensagemiro.comunhaoespirita.org.br/>

Excursão a Israel

Grupo de Estudos Espíritas

7 noites / 10 dias

Tel Aviv - Cesaréia - Tiberíades - Caná da Galiléia

- Nazaré - Jericó - Jerusalém - Tel Aviv

(Orientador Doutrinário: Douglas Frazão)



**A partir de
USD 3.900
(aéreo e terrestre)**

**VAGAS
LIMITADAS!**

Roteiro

Saída de Brasília: 26/04/2015

Tel Aviv (1 noite)
Tiberíades (2 noites)
Jerusalém (4 noites)

Pague em até
10x
sem juros

Preço estimado por pessoa, acomodada em apartamento duplo. Valor anunciado em dólares americanos para simples referência. Pagamento convertido em reais ao câmbio do dólar turismo na data da compra. Parte aérea saindo de Brasília. Valor não inclui taxas de embarque. Entrada de 30% à vista mais taxas de embarque. Saldo em até 09 vezes sem juros nos cartões de crédito, boletos bancários ou débito automático em conta corrente. Oferta com lugares limitados e sujeitos à confirmação do bloqueio aéreo. Excursão confirmada para um mínimo de 35 passageiros. Data de saída, preços e condições de pagamento sujeitos a alteração no ato da compra.



(061) 3201-6070 / 19281-5836 / 9405-4949
CLN 113, Bloco B, Sala 102 - Asa Norte - Brasília/DF
comercial@fachelturismo.com.br